

A GUERRA DE TROIA

NÃO DEFLAGRARÁ

Paulo Ferreira da Cunha¹

Resumo:

A peça de Jean Giraudoux, *La Guerre de Troie n'aura pas lieu* era, de entre todas, aquela que o seu autor menos apreciava. É verdade que o chamado “discurso aos mortos” nunca o satisfaria: foi reescrito mais de uma dúzia de vezes. Apesar de tudo, a obra é incessantemente representada, adaptada em vários países e em diferentes *media*. De várias guerras se disse (com hipocrisia, esperança ou ironia) que não viriam a ter ou não teriam tido lugar. Baudrillard chegou a publicar um conjunto de três ensaios sob o título *La Guerre du Golfe n'a pas eu lieu*. O grande problema, não sobretudo jurídico (embora também jurídico, na sua devida dimensão, no caso), mas antropológico (ou antropológico-metafísico-mitológico) da guerra ressalta e interpela-nos. Até que ponto a História ou a ficção literária podem ser mestras da vida? Sobretudo quando se trata de uma questão de vida ou de morte...

Palavras-Chave:

Guerra, Guerra de Troia, Natureza Humana, Jean Giraudoux, Gregos e Troianos, Direito Internacional Público

Abstract:

Jean Giraudoux's play, *La Guerre de Troie n'aura pas lieu*, was the one its author liked least. It is true that the so-called “speech to the dead” would never satisfy him: it was rewritten more than a dozen times. Despite everything, the work is incessantly performed, adapted in several countries and for various media. It has been said (with hypocrisy, hope, or irony) that several wars would not or would not have taken place. Baudrillard even published a collection of three essays under the title *La Guerre du Golfe n'a pas eu lieu*. The great problem, not primarily legal (although also legal, in its due dimension, in this case), but anthropological (or anthropological-metaphysical-mythological) of war stands out and challenges us. To what extent can History or literary fiction be teachers of life? Especially when it is a matter of life and death...

Keywords: War, Trojan War, Human Nature, Jean Giraudoux, Greeks and Trojans, Public International Law

Andromaque: Cet envoyé des Grecs a raison. On va bien le recevoir. On va lui envelopper sa petite Hélène, et on la lui rendra.

Cassandre: On va le recevoir grossièrement. On ne lui rendra pas Hélène. Et la guerre de Troie aura lieu.

Andromaque: Oui, si Hector n'était pas là! (...) *Quand il est parti, voilà trois mois, il m'a juré que cette guerre était la dernière.*

Jean Giraudoux, *La Guerre de Troie n'aura pas lieu*, I, 1.

¹ Juiz Conselheiro do Supremo Tribunal de Justiça (Portugal). Catedrático da Faculdade de Direito da Universidade do Porto (em licença).

I. *Symbolismos e Sinais*

Há, inequivocamente, épocas em que parece procurarmos incessantes e absolutos sinais. Descortinamos em frases mais ponderosas profecias graves de futuros sempre mais ou menos sombrios, se não mesmo apocalípticos. Parece que a previsão necessita do *pathos* do misterioso aliado a promessas de castigos. Por muito que nos tempos modernos o Ocidente se tenha afadigado a esquecer os seus mitos fundadores de culpa e expiação, parece que eles retornam a galope.

Se acaso ocorre termos entre as mãos uma dessas obras profundas e simbólicas, naturalmente em especial polissémicas, capazes de atravessar os tempos com enredos repetíveis em várias épocas, personagens-tipo em que nos revemos e reencontramos os nossos heróis e vilões, e fórmulas ou sentenças de bom-senso e até sabedoria que se diriam irrefutáveis, é natural que fiquemos surpreendidos e maravilhados com o acerto dessas preciosas composições.

Tal é o caso da obra de Jean Giraudoux (1882-1944), *La Guerre de Troie n'aura pas lieu*, peça de teatro levada à cena em 22 de novembro de 1935, no Teatro do Ateneu, em Paris, pela companhia de Louis Jouvet, que também desempenhou o papel de Heitor nessa representação.

Também nós, desde logo, neste nosso tempo, angustiosamente gostaríamos que a nossa guerra (a nossa sempre Guerra de Troia) não viesse nunca a ter lugar. É verdade que alguns (nem por isso desdramatizando) afirmam que ela já começou. Não nos tranquiliza, porém, porque o que mais se teme é mesmo um conflito intramuros com proporções (virtual e realmente) muitíssimo devastadoras, com declaração formal das hostilidades entre contendores conhecidos e temidos.

De nada valerá relermos (ou revermos) a peça de Jean Giraudoux, certamente. Salvo (além do enriquecimento estético-cognitivo, pelo contacto com uma obra literária ímpar) ficarmos mais conhecedores da natureza do(s) conflito(s) e da(s) nossa(s) culpa(s) no mesmo. Do mesmo modo que a tradição afirma que Sócrates, condenado à morte por Atenas pelo envenenamento com cicuta, pediu aos amigos e discípulos que, no cárcere final, lhe ensinassem a tocar uma nova música de flauta, reste-nos a consolação de ficarmos nos conflitos (chame-se-lhes como se lhes chamar: a qualificação também é bélica) em que já estamos e nos que se avizinham.

Não será este o lugar nem o momento para uma análise profunda, extensa nem sequer sistemática da obra. Suspeitamos até que uma tal empresa confiscaria o gosto de a saborear, o que se nos afigura mais possível com um olhar desprevenido e não

académico ou erudito. A cientificação (ou formalização, matematização, logificação, etc.) da análise literária e artística em geral pode deliciar alguns especialistas, mas será um convite à fuga para outra coisa no que se refere à maioria das pessoas.

Mas a questão mais importante ainda nem sequer é essa: assuntos muito importantes, vitais, decisivos, ganham em ser tratados com concisão e frontalidade, sem as intermináveis circunvoluções e volutas da erudição. Este apontamento insere-se, assim, na perspectiva que assumimos para ler obras muito relevantes: a do sublinhar². Poderá dizer-se que tudo neste texto não é senão um razoavelmente grande sublinhado dessa peça que deve ser lida, relida, e vista nos palcos e em filme.

O título deste artigo não pretende ser uma tradução do título da obra a que nos referimos, mas já um diálogo com ela e com o nosso tempo. Se houvéramos de traduzir aquele título certamente escreveríamos, algo literalmente, mas tentando preservar vários sentidos do texto original: “A guerra de Troia não terá lugar”, fórmula que também seria correta em Português.

II. *Brevíssima História Prévia*

Entremos no tema. Sabe-se que se está naquele limiar ou umbral, lusco-fusco de possibilidades, em que parece ainda haver a possibilidade de o sangue da guerra não vir a jorrar, entre Gregos e Troianos.

Num estudo aprofundado desta peça, Gérard Genette precisa-nos o tempo e o lugar, a situação, em que se inscreve e desenha toda esta trama, especificamente no que tange aos seus marcos ou limites, impostos pela existência e projeção prévia do clássico: a *Ilíada*³. Segundo o reputado teórico da Literatura, o texto de Giraudoux usufrui de uma escassa margem de manobra, na medida em que se assume como uma espécie de hipótese de prelúdio (hoje se diria prequela?), o qual “joue avec son terme prescrit comme la souris, peut-être, croit jouer avec le chat”. Acrescentando:

“il ne peut pousser l’émancipation jusqu’à éluder le
terme (...) il s’agissait seulement de rendre le jeu plus

² Cf. o nosso artigo *Sublinhar é preciso*, in “As Artes entre as Letras”, n.º 302, de 10 de novembro de 2021.

³ HOMERO – *Ilíada*, trad. port. de Frederico Lourenço, 1.ª ed., 3.ª reimp., Lisboa, Quetzal, 2023. A *Ilíada* seria o grande pano de fundo em que se inscreve (transcendendo a sua “lição”) esta obra de Giraudoux. É um dos maiores poemas de guerra de todos os tempos. Vale a pena ler, reler e meditar, sobre ele, o ensaio de WEIL, Simone – “A *Ilíada*, ou o poema da força”, in *A Fonte Grega. Estudos sobre o pensamento e o espírito da Grécia*, trad. port. de Filipe Jarro de *La Source Grecque*, Paris, Gallimard, 1953, 1.ª reimp., Lisboa, Cotovia, 2014, p. 9 ss.

cruel, et d'introduire le destin (...) par où on ne l'attendait pas, par où l'on croyait lui échapper."⁴.

Giraudoux pensara aliás, inicialmente, em dois outros títulos: *Prélude des préludes* e *Prefáce à l'Iliade*⁵.

Quem não se lembra das origens da célebre guerra?⁶

Tudo indica que se trata de uma mitificação de um verdadeiro conflito bélico ocorrido efetivamente, certamente tendo como base questões comerciais⁷.

Da sua descrição em manual escolar havia quem se recordasse, muito depois do Liceu, como a um mantra. Começava assim (mas nunca soubemos qual seria o Manual⁸): “Menelau, rei de Esparta, era casado com Helena, formosíssima grega...”.

A simples estória histórica entra na peça num momento de encruzilhada, em tempo kairológico. Do plano factual, que a História hoje retrospectivamente nos conta, se passa a um tempo possível, de que a História não deu conta, talvez porque na trama dramática venham à tona forças e razões não explícitas, e muitíssimo provavelmente apenas descobertas ou efabuladas pelo criativo autor.

Assim, Giraudoux fornece-nos um dado (ou uma interpretação, na verdade) muito relevante: é que, conforme diz Ulisses a Heitor, Helena, o pomo da discórdia, seria *não propriamente uma pessoa*, mas uma espécie de armadilha do destino: “Elle est une des rares créatures que le destin met en circulation sur la terre pour son usage personnel”⁹.

⁴ GENETTE, Gérard – *Palimpsestes. La Littérature au second degré*, Paris, Seuil, 1982, p. 593. A obra é extraordinariamente rica e interessante na sua análise desta nossa peça, e para ela se remete.

⁵ No Manuscrito principal, 58 ff., as duas primeiras folhas contêm esses dois títulos possíveis, conforme se narra em GIRAUDOUX, Jean – *Théâtre complet*, Prefácio de Jean-Pierre Giraudoux, Introdução geral e edição de Jacques Body *et al.*, Paris, Gallimard, Bibliothèque de la Pléiade, ed. de 1982, p. 1501 (notas sobre a peça em referência).

⁶ Há inumeráveis relatos da guerra. Por exemplo, GRIMBERG, Carl – *História Universal*, vol. II, *Os Persas. De Micenas à Grécia Clássica*, trad. port. de Jorge Borges de Macedo, Lisboa, Europa-América, 1965, p. 55 ss.

⁷ Nesse sentido, v.g., HARVEY, Paul – “Guerra de Tróia”, Dicionário Oxford de Literatura Clássica grega e latina, tradução port. de Mário da Gama Kury, Rio de Janeiro, Zahar, 1998, p. 254. No mesmo sentido, BONNARD, André — *Civilisation Grecque*, trad. port. de José Saramago, *A Civilização Grega*, Lisboa, Edições 70, 2007, p. 29 ss..

⁸ Temos a suspeita de que se trate, por ser manual muito usado por gerações anteriores à nossa (foi mesmo “livro único” da respetiva disciplina para os liceus) e pela fórmula muito semelhante com que começa a narrativa, de MATTOSO, António G. – *Compêndio de História Universal*, 3.º ano, 3.ª ed., Lisboa, Livraria Sá da Costa, (1962?), p. 130 ss.

⁹ GIRAUDOUX, Jean – *La Guerre de troie n'aura pas lieu*, in *Théâtre complet*, cit., II, 13.

Helena poderia ser, aliás, muita coisa: “Elles sont parfois une bougade, presque un village, une petite reine, presque une petite fille, mais si vous les touchez, prenez garde”¹⁰.

As opiniões sobre Helena e sobre esta Helena em concreto, deste papel, desta personagem, nesta peça, têm sido múltiplas. Francis Huster sintetiza que ela é, afinal, uma vítima, tal como a teria visto o próprio Giraudoux: “(...) finalement, Giraudoux nous convainc qu’elle est une victime. Et une victime peut devenir un prétexte. Toutes les guerres sont causées par un prétexte”¹¹.

Seguindo a narrativa corrente, histórica (ainda anterior ao momento desta peça), Helena vai ser raptada por Paris, filho de Príamo, rei de Troia. Uma explicação mítica dá tradicionalmente alguma aura ao evento.

Eris, a Discórdia, foi quem lançou o pomo que Paris deveria dar a uma das deusas, conforme a sua preferência: Hera, a matriarca do Olimpo, Afrodite, deusa da beleza e do amor, e Atena, divindade da sabedoria. As três ter-lhe-ão prometido recompensas de acordo com as suas especialidades. Tendo o príncipe optado pela segunda, pôde facilmente conquistar Helena, se é que ela lhe não houvera já sido prometida em troca do seu voto. E resta saber ao certo como tudo se terá “passado” no reino dos mitos helénicos. Continuamos sem saber qual a explicação plausível para que Eris aparentemente tenha agido sob inspiração superior. Segundo uma das interpretações, teriam sido o próprio pai dos deuses olímpicos, Zeus, e Thémis, deusa da Justiça, a determinar a guerra¹².

Agamémnon, irmão de Menelau e rei de Micenas vai organizar a esquadra de resgate da cunhada, e nela se incorporarão grandes príncipes da Hélade, entre os quais o prudente e avisado Ulisses, dos mil e um expedientes.

Vai ser Ulisses que conferenciará com Heitor para a Paz¹³, como que um ritual preparatório para um desfecho previamente ditado: ambos se conhecem mais, se apreciam fraternalmente e se curvam (em regra) à inevitabilidade. “É privilégio dos ricos ver as catástrofes de um terraço”¹⁴. Há também um passo ulteriormente inserido (e nem sempre encenado), em que se convoca um especialista de Direito Internacional,

¹⁰ *Idem, ibidem.*

¹¹ HUSTER, Francis – *3 minutes pour comprendre 50 pièces et rôles remarquables du Théâtre français*, Paris, Le Courrier du Livre, 1918, p. 174.

¹² Cf., nomeadamente, GRAVES, Robert – *Greek Myths*, Londres, Cassel, 1958, trad. fr. de Mounir Hafez, *Les Mythes grecs*, Paris, Fayard, 1967, vol. II, p. 265 ss..

¹³ Para uma rápida abordagem dos tratados de paz na Grécia Antiga, RACHET, Guy – *Traité de paix*, in *Dictionnaire de la civilisation Grecque*, nova ed., Paris, Larousse, 1995, p. 185 ss.

¹⁴ GIRAUDOUX, Jean – *La Guerre de troie n’aura pas lieu*, II, 13.

Busiris, figura ao que parece inspirada no jurista grego Nicolas Politis, ministro da Grécia em Paris e professor honorário da Faculdade de Direito de Paris, que mediou o conflito entre a Itália e a Abissínia e se torna cómica pelas suas bizarras subtilezas *pro domo*¹⁵. Mas é essencialmente entre o grego e o troiano que decorrem as negociações.

Muito interessantes máximas se podem colher nessas conversações de Paz.

Deixemos ser o leitor a encontrar muitas delas, e acima de tudo a surpreender a cadência, o ritmo, a progressão inexorável nesse minuete da morte que lembra (embora de forma mais *souple*) os *Sete contra Tebas*, de Ésquilo¹⁶.

III. *Requisitos ou Condições da Guerra*

Acima de tudo, recordemos como que os três gandes requisitos para a guerra:

1) Ao contrário do que poderia pensar-se, a guerra, segundo a doutrina registada nesta obra, não derivaria de grandes males, de crimes, mas de quase impercetíveis faltas dos povos – o que nos remete para um universo de causas e consequências singulares e misteriosas, ao arrepio do senso comum. A falta de senso comum (e naturalmente de bom senso) na guerra sai evidenciada, desde logo, por esta questão das raízes, das causas.

Explica o sempre avisado Ulisses:

“Ce n’est pas par des crimes qu’un peuple se met en situation fausse avec son destin, mais par des fautes. Son armée est forte, sa caisse abondante, ses poètes en plein fonctionnement. Mais un jour, on ne sait pourquoi, du fait que ses citoyens coupent méchamment les arbres, que son prince enlève vilainement une femme, que ses enfants adoptent une mauvaise turbulence, il est perdu. Les nations, comme les hommes, meurent d’imperceptibles impolitesses! C’est à leur façon d’éternuer ou d’éculer leurs talons que se reconnaissent les

¹⁵ WEIL, Colette (Prefácio, comentários e notas) a *La Guerre de troie n’aura pas lieu*, de Jean Giraudoux, Paris, Grasset / Librairie Générale Française, ed. 58, 2008, p. 118, n.1.

¹⁶ Recolhida, v.g., em EURÍPIDES (EURIPIDE) — *Théâtre complet*, trad. e ed. de Marie Delcourt-Curvers, Paris, Gallimard (Pléiade), 1962.

peuples condamnés... Vous avez sans doute mal enlevé Hélène”¹⁷.

Como se o cumprimento de um certo arcano ritualismo (mais ou menos fetichista ou supersticioso?) no quotidiano dos povos pudesse evitar o eclodir das guerras...

2)A guerra acaba por ser feita não entre forças totalmente diferentes, completamente estranhas e estrangeiras, mas entre entidades com algo de próximo, de similar, uma espécie de “irmãos inimigos”, o que lembra de novo a querela entre Etéocles e Polinices, que daria lugar ao cerco de Tebas em que ambos morrem, e seria o tema, não só da citada obra de Ésquilo, como da *Antígona*, de Sófocles¹⁸ e de tantos outros. No caso da *Antígona* de Jean Anouilh¹⁹, por exemplo, um pormenor interessante ressalta: os cadáveres de ambos os irmãos inimigos já não são reconhecíveis. E Creonte escolhe arbitrariamente o cadáver que terá honras fúnebres e o que se será abandonado, sem quaisquer cerimónias. O que, para as crenças helénicas de então, equivalia a uma pena adicional *post mortem*.

Logo na conversa inicial de Heitor e Andrómaca, aquele reconhece que a guerra, bem vistas as coisas, não é contra contrários, mas contra si mesmo. Começou por pensar que quem ia matar era o/um seu oposto, mas evoluiu, esclareceu-se, e acabou por ver que a guerra é um suicídio. “Auparavant, ceux que j’allais tuer me semblaient le contraire de moi-même. Cette fois j’étais agenouillé sur un miroir. Cette mort que j’allais donner, c’était un petit suicide.”²⁰.

A ideia será retomada mais tarde. Diz Ulisses, desta feita:

“Pourquoi toujours revenir à ce mot ennemi? Faut-il vous le redire? Ce ne sont pas les ennemis naturels qui

¹⁷ GIRAUDOUX, Jean – *La Guerre de troie n’aura pas lieu*, II, 13.

¹⁸ SÓFOCLES – *Antígona*, in *Antígona. Ájax. Rei Édipo*, trad. port. de António Manuel Couto Viana, Lisboa, Verbo, s.d.; SOPHOCLE – *Antigone*, in *Tragiques Grecs. Eschyle / Sophocle*, trad. de Jean Grosjean, Paris, Gallimard, 1967, p. 564 ss.. SOPHOCLE – *Antigone*, in *Tragédies*, trad. de Paul Mazon, Paris, Les Belles Lettres, 1964, p. 67 ss. SOPHOCLES – *Antigone*, in *Oedipus the King / Oedipous at Colonus / Antigone*, trad. de F. Storr, B. A., Cambridge, Ms. / Londres, Harvard University Press / William Heinemann, MCMLVI, p. 309 ss.. Sobre este mito, v., nomeadamente e em síntese, o nosso “A Tragédia Helénica: Antígona”, in *Civilização & Justiça*, Porto *et al.*, Edições Esgotadas, 2024, p. 29 ss.

¹⁹ ANOUILH, Jean — *Antigone*, Paris, La Table Ronde, 1946, 2008.

²⁰ GIRAUDOUX, Jean – *La Guerre de troie n’aura pas lieu*, I, 3.

se battent. (...) Ceux qui se battent, ce sont ceux que le sort a lustrés et préparés pour une même guerre: ce sont les adversaires”²¹.

Se Ulisses se apresenta como sábio conhecedor da Arte da Guerra, no que ela tem de mais profundo, que é a natureza humana, Heitor é-nos pintado com cores de alto valor ético. Como diz Frederico Lourenço:

“(...) Heitor ‘enche as medidas’ a qualquer leitor pela nobreza, virilidade, espírito de sacrifício e digna aceitação da tragicidade do destino humano (além de ser ideal filho, esposo e pai) (...).”²².

A excelência dos dois negociadores, assim como a decisão de Helena voltar, para poupar uma guerra, irão, contudo, frustrar-se. Por decretos previamente escritos pelo Destino, ou pelos deuses, ou graças apenas à maquinação de Demokos, o poeta troiano morto por Heitor, mas que lança a culpa sobre Oiax, para que o ódio se abata sobre os gregos e assim a guerra comece²³. Não deixa de ser significativo que seja pela palavra (e falsa) do poeta troiano que tudo se decide (no plano sublunar, dos simples factos e falsos factos – independentemente de conjurações divinas).

3) Para que uma guerra se desencadeie, é mister que paire um hálito bélico, que se adensem e envolvam, os ares de guerra. Como que um rufar de tambores invisíveis, mas bem audíveis pelos que pressentem as grandes correntes subterrâneas da História. De entre os contendores, os mais atentos e despertos, ouvem, quer dizer, pressentem.

Ulisses, o mais teorizador na dupla negocial, explica a Heitor:

“Il est une espèce de consentement à la guerre que donnent seulement l’atmosphère, l’acoustique et l’humeur

²¹ *Idem*, II, 13.

²² LOURENÇO, Frederico – *Introdução* à sua trad. da *Ilíada*, de Homero, cit., p. 20.

²³ GIRAUDOUX, Jean – *La Guerre de troie n’aura pas lieu*, II, 14.

du monde. Il serait dément d'entreprendre une guerre sans le savoir. (...)»²⁴.

IV. Sabedoria da Guerra

A peça está cheia de alusões, ironias, e mesmo os anacronismos são não raro saborosos. As referências mais eruditas apenas alguns as detetarão, naturalmente. Mas muito do prazer e do proveito da leitura é para um público comum.

Algumas máximas e observações merecem a nossa ponderação. Ficamos nomeadamente a saber, ou a saber melhor ainda, que:

a) a Humanidade deve tanto às suas vedetas (ou estrelas) que aos seus mártires²⁵;

b) durante a guerra se aprisiona o Direito e mesmo é fácil prender os juristas²⁶;

c) tréguas ou intervalos na guerra são bons²⁷;

d) os soldados devem partilhar o ódio dos civis e lançar aos do outro lado epítetos insultuosos, correndo-se o risco de que, se se não o fizer, os exércitos face a face se venham a fraternalmente a estimar-se uns aos outros²⁸;

e) desde o momento em que a guerra é declarada, não se consegue parar os poetas: cantos de paz tornam-se então hinos de guerra e a rima é o melhor tambor²⁹;

f) combater os gregos não é como combater os bárbaros, não é uma mera caça³⁰;

g) a razão de se defender, apesar de tudo, a Paz, para Ulisses, é que “Andromaque a le même battement de cils que Pénélope.”. Esta passagem terá interpretações desencontradas, e desencadeará reações diversas. Talvez não interesse excessivamente, sobre ela, uma interpretação autêntica do autor, que parece ter sido revelada numa carta a um professor da Escola Normal, em 1937. Nessa carta, aliás, está a chave da sua ideia sobre Ulisses (o seu Ulisses). Mas a peça já não é de Giraudoux, e é-nos lícito interpretar à nossa maneira, com o que nós queremos dela, e não como ele a desejou. Além do mais, a peça (e não apenas esta peça, mas as grandes composições dramáticas) tem a virtualidade de, como a régua de Lesbos (de que fala Aristóteles³¹), se adaptar a tudo o que quisermos medir, pesar, avaliar... tal é a consequência da sua universalidade.

²⁴ *Idem*, II, 13.

²⁵ *Idem*, II, 8.

²⁶ *Idem*, II, 5.

²⁷ *Idem, Ibidem*.

²⁸ *Idem*, II, 4.

²⁹ *Idem, ibidem*.

³⁰ *Idem, ibidem*.

³¹ ARISTÓTELES – *Ética a Nicómaco*, V, 14.

Isto, se formos capazes dessas transposições, apreciando a verdade além mesmo da aparência.

h) Em suma, Cassandra, cega, sabe que os que veem, veem a mentira, enquanto ela tateia a verdade³².

Recordemos que a guerra, como mito primordial, seria um julgamento dos deuses sobre a razão de uma ou de outra das partes. Esta obra (como se a História e a Razão não no-lo tivessem já revelado) alcança demonstrar-nos que neste assunto os deuses ou se apartaram das querelas dos Homens, ou nelas assumem outros papéis, bem menos imparciais. Um título de Anatole France seria uma tentação: *Os deuses têm sede (Les Dieux ont soif)*. Mania de culpar os deuses das culpas dos Homens!

Diz Cassandra à Paz: “Il paraît que les dieux entrent dans le jeu et aussi leur honneur”.

E a Paz: “Leurs dieux! Leur honneur!”

Cassandra conclui, antes de cair o pano do Primeiro Ato: “Oui... tu es malade!”³³.

Recebido para publicação em 22-02-25; aceito em 20-03-25

³² GIRAUDOUX, Jean – *La Guerre de troie n'aura pas lieu*, I, 10.

³³ *Idem, Ibidem*.